

E quando a inclusão excludente é com crianças de 0 a 12 anos? Infância e resistência

Et lorsque l'inclusion est exclusive avec enfants 0-12 ans?
Enfance et la résistance

MARCIA APARECIDA GOBBI¹

RESUMO: Tendo como inspiração alguns textos do poeta, estudioso da infância e desenhista Mário de Andrade, o presente artigo busca refletir, a partir dos desenhos criados por meninas e meninos, quais resistências estão presentes e são inventadas por eles e elas em seu cotidiano. Nos desenhos compreendidos como exercício cotidiano de vida, artefatos culturais e fontes documentais, encontram-se traços de infâncias que criam e mostram-se em diferentes culturas. Provocam a pensar sobre atos que excluem crianças e suas lógicas, ainda tão desconhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: resistência; desenhos de crianças; infância.

RÉSUMÉ: S'inspirant des textes du poète, savant de l'enfance et artiste Mário de Andrade, cet article cherche à refléter, à partir des dessins créés par les filles et les garçons, qui résistances sont présents et sont inventées par eux et ils dans leur vie quotidienne. Dans les dessins compris comme l'exercice de la vie quotidienne, des objets culturels et des sources documentaires, il ya des traces d'enfance qui créent et se présentent dans différentes cultures. Susciter la réflexion sur les actes qui excluent les enfants et leur logique, et pourtant si inconnus.

MOTS-CLÉS: resistance; dessin d'enfants; enfance.

1. Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada; São Paulo/SP. E-mail: mgobbi@usp.br.

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me enviaidia deles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: “É preciso cortar os cabelos desse menino”. Olhei de um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela ordem. (ANDRADE, 1996, p.103).

A feiura dos cabelos cortados me fez mal. Não sei que noção prematura de sordidez dos nossos atos, ou exatamente, da vida, me veio nessa experiência da minha primeira infância. O que não pude esquecer, e é minha recordação mais antiga, foi, dentre as brincadeiras que faziam comigo para me desemburrar da tristeza em que ficara por me terem cortado os cabelos, alguém, não sei mais quem, uma voz masculina falando: você ficou um homem assim! Ora eu tinha três anos, fui tomado de pavor. Veio um medo lancinante de já ter ficado homem naquele tamanhinho, um medo medonho, e recomecei a chorar. (ANDRADE, 1996, p.103).

A obra de Mário de Andrade apresenta-se, de modo recorrente, carregada de aproximações com a infância. Fragmentos de universos infantis vão se apresentando em contos variados. Contudo, numa leitura atenta, vê-se que não se trata de seres normatizados, ao contrário, meninos e meninas escapam de certas determinações impostas ou apresentadas no universo adulto. Somos levados a crer que guardam certa radicalidade, sobretudo quando procuramos observar e compreender o mundo do ponto de vista das crianças e, com isso, Mário presta-se e empresta-nos a possibilidade – tão desafiadora – de não escrever e pensar somente *sobre* a criança, mas de procurar falar a partir dela, ou quem sabe, com ela, o que não será possível atingir de forma plena dentro dos limites desse artigo.

Opção radical e, não menos sensível, por parte do autor citado, já que em diversas passagens aponta-nos para as múltiplas resistências das crianças. Indignadas, dizem, quando falam, ou demonstram em diferentes linguagens, um mesmo desejo: o de querer ver e experimentar outras tantas possibilidades presentes na vida, conhecer, investigar, desejar, sonhar, criar. E vão. Procuram escapatórias, por vezes singelas, por outras escancaradas, à padronização familiar e de diferentes grupos sociais, e mostram-se na possibilidade de mudar o outro, cutucar em diferentes contextos e situações que lhes são apresentadas. Estão na família, mas a questionam. Estão na escola, mas são capazes de transgredir regras já naturalizadas, e o fazem à revelia de quem esteja junto, sobretudo quando este for um adulto ou uma adulta.

Não se trata de demonstrar rivalidade entre mundos e formas de ver distintas. Trata-se aqui apenas de evidenciar diferenças expostas e vividas de modo hierarquizado, entre uns e outros, e neste caso seguindo gerações e faixas etárias.

A infância está em nós e nos mantém pulsando em direção e ao longo da própria vida, em descobertas e curiosidades que impulsionam estar no mundo, criá-lo e recriá-lo. Após a leitura dos excertos de “Tempo da Camisolinha”, escrito por Mário de Andrade em 1939, fica-nos a pergunta: e as crianças, resistem? Existirá uma infância permanente, criadora e resistente em nós, uma infância do homem, como afirmou Agamben (2005)? Existiria a infância também como sentimento a ser carregado por toda a vida? Carrega-se o sentimento de infância ao longo de toda vida apresentando-o em momentos variados, em ações as mais distintas?

A busca pelas resistências, ato fundamental, que representa contrariedade em relação à imposição de ordens que podem ser consideradas desumanas, aviltantes e em desconsideração aos modos de ser do outro, pode ser encontrada nesse texto, que procura apresentar o tema pelas mãos de poeta que provoca e se revela em inconformismos ao mesmo tempo em que deflagra a presença da criança e da infância.

A obra de Mário de Andrade, utilizada aqui apenas como mote para pensarmos sobre infância e resistência, é frequentemente atravessada pela aproximação com a infância, avizinhandose, portanto, do universo infantil e suas peculiaridades. Não se trata, em seus textos, dos seres da norma ou em aparente conformidade com a normatização. Eles escapam ao padrão esperado pela família e mostram-se na possibilidade de mudar o outro a partir de sutis provocações. Quase imperceptíveis. Nas falas das crianças e na descrição de seus gestos, encontra-se o devir criança em características que, embora já conhecidas, passam por todos por serem, inúmeras vezes, compreendidas como inferiores.

Embora compondo famílias, as crianças as questionam, põem o dedo em riste e choram, como no exposto “Tempo da Camisolinha”. Choro como manifestação expressiva que insiste em furar cercos, em aparecer enquanto o adulto ou a adulta impõe que o mesmo seja engolido. Não se trata apenas de uma infância que resiste, mas que, em pequenos gestos, implica o outro em percepções de si, em que talvez se perceba a ausência ou privação do desejo, do sonho. Esses pequenos gestos e modos de ser e compreender o mundo nos confirmam em nós, em nossas vidas. No cotidiano, embrulhado em tarefas diárias, por vezes pouco expressivas de nós mesmos, a criança nos recorda nossa vida, nossa infância e aquilo que nos tornamos. Desse modo, provoca e nos assola pela incapacidade de ver o que resultou.

Assombro: *você ficou um homem assim! Ora eu tinha três anos, fui tomado de pavor.* A breve história do corte de cabelo e os sentidos implicados nessa ação levam-nos a pensar sobre o tempo. O homem, pensado como futuro da criança, no tempo regrado pelo relógio, da regulação pela aparência, ao deixar de ser tão infantil, aproxima-se do adulto que virá. Tempo-relógio em que a disciplina começa a se fazer presente na criança, na percepção assombrosa, de ficar homem assim tão rápido. Bela metáfora apresentada pelo poeta, que provoca a pensar sobre a infância, efêmera, que se perpetua e que se faz constante quando não roubada, evidenciando-se em pequenos gestos-criança. Mas, há que refletir: se esse sentimento criança, que resiste e persiste em expressões diversas, encontra-se presente em nós, existe outra ordem, uma lógica própria desconhecida com que ver e elaborar o mundo. Um modo a ser apreendido e que nos passa despercebido, ou se presentifica pelas broncas dadas, pelos olhares, pelo corpo que, não apenas, chora, mas que se assombra diante do inusitado e indesejado crescimento, ou mesmo, na busca por disfarçar-se e voltar-se para outros lugares, outros tempos. John Berger (2001) afirmará que as crianças têm hábitos de se esconder atrás de coisas, buscar-se e aos amigos em outros espaços, e nisso descobrem interstícios entre diferentes conjuntos de coisas visíveis que coexistem entre ordens e, assim, percebem e criam sinais que não vemos. Lógicas que não são únicas. Tomo a liberdade de expor outro excerto da mesma obra:

— Esse menino não come nada, Maria Luísa!

— Não sei o que é isso hoje, Carlos! Meu filho, coma ao menos a goiabada...

Que goiabada nem mané goiabada! Eu estava era pensando nas minhas estrelas, doido por enxergá-las. E nem bem o almoço se acabou, até disfarcei bem, e fui correndo ver as estrelas do mar. (ANDRADE, 1996, p.105).

Entre a imaginação e o ato de fantasiar, as estrelas do mar procuradas pelo menino aproximam essa criança do sonho e, com isso, nos aproxima de nosso cotidiano em que o alimento para o devaneio vê-se escasso. Estrelas do mar? Elas sinalizam, no conto, o intervalo de tempo em que o tempo do adulto não é central, cria-se um entre tempos. O tempo da rica experiência infantil, em que se procuram as estrelas do mar (céu e terra revisitados, entre estrelas e mar e estrelas do e no mar efetivamente), provoca a ordem do visível. Que mané goiabada!

Vivia sujo. Muitas vezes agora até me faltavam, por baixo da camisola, as calcinhas de encobrir as coisas feias, e eu sentia um esporte de inverno em levantar a camisola na frente pra o friozinho entrar. Mamãe se incomodava muito com isso, mas não havia calcinhas que chegassem, todas no varal enxugando ao sol fraco. E foi por causa disso que entrei a detestar minha madrinha, Nossa Senhora do Carmo. Não vê que minha mãe levava pra Santos aquele quadro antigo de que falei e de que ela não se separava nunca, quando me via erguendo a camisola no gesto indiscreto, me ameaçava com minha encantadora madrinha — “Meu filho, não mostra isso, que feio! Repare: sua madrinha está te olhando na parede”, e descia a camisolinha, mal convencido, com raiva da santa linda. (ANDRADE, 1996, p.103).

O tempo surge nessa passagem do mesmo conto, regrado pelo relógio. A moralização, ou a regulação de diferentes atos, é dada pela existência do quadro da santa na parede. Ainda assim, a ameaçadora presença é desafiada no gesto que perturba. Veem-se resistências surgindo, as quais uma lente com foco sensível, ou um ouvido atento, poderá encontrar. Às vezes, presentes em teimosia que inspira imaginar formas de sobrevivência às determinações do outro e concebe um arcabouço de escapatórias, indignações e imaginação que se ancoram nas relações estabelecidas, no grupo social em que se vive e nas culturas elaboradas por todos, sem esquecer-se das crianças. Resiste-se de modo inventivo.

John Berger (2001) pede-nos atenção para a existência atual de “bolsões de resistência” em que duas ou mais pessoas se unem em acordo para resistir às ordens – econômica, social, cultural – que estão sendo impostas. Aparentemente, não se trata de ideia tão original, contudo, o autor remete a pensar sobre o potencial existente nesses bolsões em que as trocas de ideias fortalecem suas propostas e convicções e enredam outros em resistências. A partir dos contos de Mário, podemos perceber um início de troca de mensagens com as quais podemos construir tais bolsões entre leitores, diferentes grupos de resistência e nesses, as crianças que, individual ou coletivamente esbravejam, contestam, resistem e com isso – que bom – garantem que, ao procurarmos entender o tempo da infância e as crianças, não cometamos o equívoco de dar continuidade a uma história – de adultos e adultas – que se construiu no e do esquecimento das próprias meninas e meninos.

Para tanto, a pergunta que não quer calar: em que lugares, em tempo e espaço vividos pelas crianças e por elas experienciados, podemos encontrar traços que lhes são peculiares? É possível isso, considerando o tempo de desconsideração pelo qual

a infância ficou circunscrita? Se, como nos instava a ver Mário de Andrade em seus contos, as crianças resistiam de modo singular, às vezes sutil e outras nem tanto, a reflexão que se propõe aqui, para se pensar em resistências, reside na forma e no conteúdo criados pelas meninas e meninos e que nos apresentam evidências de sua presença, de seus modos de representar e criar de maneira vigorosa. A imaginação inventiva – se isso não é uma redundância – não busca o único verdadeiro, mas experimenta e, com isso, possibilita encontro com suas verdades. Ainda assim, construtora de culturas presentes em seus modos de ver e elaborar o que é ser criança em tempo de infância, afirma-se que temos, nos desenhos criados pelas meninas e meninos pequenos, formas de compreender o mundo e mostrar-se para o outro e para si mesmo. São traços que demonstram jeitos de ser, modos de ver e não ver, artefatos de culturas infantis.

A criação de desenhos pelas crianças desde a tenra idade oferece-se como motivador de busca em direção à inclusão excludente ou, ainda melhor, no sentido das resistências daqueles que falam e não falam, dos que dizem de outras formas, que resistem de maneiras diversas, às vezes, imperceptíveis aos olhos menos avisados ou desejosos de ver. Debruçar-se sobre os desenhos das crianças procurando nas entrelinhas seus processos de criação aproxima-se do desejo de não somente falar sobre a infância, mas talvez, também, junto dela buscar compreendê-la a partir de suas representações. Tarefa desafiadora.

A LINHA QUE PROCURA RESISTIR: MENINAS E MENINOS E O DESENHO COMO ARTEFATO CULTURAL

Como afirma Giorgio Agamben (2005), a infância é um estado de busca e condição de experiência. Diria que pode constante e eternamente conviver conosco e alimentar-nos em nossas incessantes curiosidades tornadas formas de vida. Como condição que revigora, não de modo sequencial, marcada em relógio, mas de maneira atemporal, o prazer, como afirmará o autor, fundamenta esse tempo e é fundamental para a experiência. Prazer que é alimento vital. Ao refletirmos sobre essa condição do homem, uma preocupação se faz presente: ainda que não se considerasse tempo preciso à moda do relógio, há marcas de experiências e, nesse caso, deixadas pelas crianças? Pode-se conceber e reconhecer ações em que essa experiência de busca e descoberta, de característica própria e que a aproxima da infância, esteja presente? Há formas de concebermos tais marcas, não como prova

do desenvolvimento de habilidades, mas como prazer em realização de algo, *poiesis* existente na condição de infância e em seus tantos processos de criação?

Acredita-se que várias das manifestações infantis apresentem expressões, ainda que singelas ou pouco perceptíveis, difíceis de serem percebidas, uma vez que experiência não é mensurável, mas passível de discussões. Na busca, não da medida, mas de encontrar processos criativos em que experiências e resistências pudessem coadunar-se a apresentar-se, propõe-se aqui um ensaio em que os desenhos elaborados pelas meninas e meninos constituem-se como linguagens também da infância, aqui apresentados como manifestações culturais, que não reproduzem a realidade, mas, como representação da mesma, recriação, invenção, fruto da imaginação característica da infância como condição humana. O motivo da reflexão proposta neste texto, em que são buscadas formas de resistências pelos grupos infantis, é encontrá-las na elaboração de desenhos – processo e produto, seus traçados somam-se aos gestos de corpos e sons, choros e sorrisos que resistem. Diante da imposição de um traçado escolar, numa concepção estética questionável em que padrões culturais escolares se apresentam como bons, as crianças insistem em escapar, sutilmente resistindo. Fácil lembrar-se dos desenhos em que, tempos atrás, éramos obrigados a colorir, em cores “corretas” previamente estipuladas. Ainda, num esforço de memória, podemos recordar, em tempos não tão distantes, as linhas que eram feitas à mão para margear a folha em branco – geralmente tamanho A4 – e, com isso, delimitar o espaço a ser desenhado. Cá entre nós: aí daquele que procurava livrar-se das tais linhas! *Outsider* criança que, ao não se enquadrar, criava outras formas de sobreviver. E flores, rabiscos, riscos, cores diferentes daquelas prescritas, personagens de desenhos animados e inúmeras outras formas surgiam como a procurar diálogo ou simplesmente resistir à padronização vigente travestida de gosto ou do que é considerado certo e errado.

Temos então que, quando observados de modo acurado, é possível enxergar escapatórias a modelos predominantes de traçados, supostamente próprios à infância. São linhas e cores que insistem em burlar ordens escolarizadoras ou mesmo do papel destinado ao desenho do dia. Nesse eterno ludibriar, temos formas pouco convencionais, desenhos que insistem em contrariar padrões. Ainda que possam ser avaliados como feios, inoportunos e pouco condizentes com o esperado por uma estética escolar, mesmo quando nos referimos à primeira etapa da educação básica.

Os desenhos das crianças, complexos em cores, linhas e traços que se misturam e apresentam diversas temáticas, ora mais ou ora menos comuns a todos nós,

constituem-se sempre um grande desafio a ser enfrentado: por talvez se encontrem entre as expressões humanas mais conhecidas, naturalizamos sua presença entre nós e, com isso, cometemos o erro de não mais perscrutá-los, deixando-os de lado. Constituem-se atualmente, podemos afirmar, como objetos esvaziados devido a nossa curiosidade que mudou de sentido, que se perdeu e não trilha os caminhos dos traços criados pelos meninos e meninas desde bem pequenos. Denominam-se “traços”, por guardarem certa identidade cultural, capacidade expressiva, tomadas de decisão quanto a uso de cores e formas, constituindo-se também como fontes documentais. Quase uma assinatura que identifica, em qualquer canto, o artista, nesse caso, a criança desenhista.

Os desenhos, para boa parte das pessoas, são percebidos de diferentes maneiras: como rabiscos incompreensíveis, expressão da figura humana, as já famosas casinhas com chaminés, representações de heróis de desenhos animados, ou situam-se entre aqueles que devem apenas ser coloridos, resultados de composições adultas com conteúdos facilmente percebidos como infantilizados, feitos para crianças. Ainda, quando os traçados dos meninos e meninas apresentam formas mais rebuscadas, são compreendidos como frutos da criação de uma criança singular, genial. Essas premissas convivem conosco e vêm sendo sedimentadas no imaginário social, o que destitui dos desenhos o caráter expressivo que contêm.

Contudo, quando se busca encontrar a infância em suas invenções, em suas características singulares, começa-se um caminho em direção ao encontro não mais de linhas supostamente sem sentido, mas daquilo que os constitui em suas características próprias, em singularidades. Os desenhos passam a ser compreendidos como expressões de processos de criação, artefatos culturais realizados por pessoas de pouca idade, que devem ser garantidos e observados e não despreitados ou infantilizados em função da faixa etária à qual pertencem os desenhistas. Esse modo de ver, já enraizado em muitos de nós, implica posturas que desconsideram e reiteram o desprezo pela infância, concebida como etapa de vida inferior em relação às demais e não como condição de experiência constante do ser humano. Experiência essa que pode ser estendida ao processo de criação de desenhos e que recupera capacidades expressivas em sua inteireza. Ou seja, a condição da infância, à qual nos referíamos, pode encontrar-se nos traços da criança, ou ainda, presente nos traços adultos que não se perderam nem foram roubados. A condição de resistência, que pode provocar outras resistências em cadeia, pode também ser observada nas entrelinhas, entre traçados sobre o papel, giz, lápis, caneta.

Trata-se de propor aqui um contínuo exercício de pensar a imagem – os desenhos infantis – tendo como referências diversos interlocutores e pesquisadores oriundos de campos teóricos distintos, em destaque sua percepção como artefato cultural, de forma a contestar compreensões em que práticas de olhar tornam o desenho das crianças algo não visto.

De modo simplificado, como artefatos que são, podem ser compreendidos não apenas como produtos da cultura material, mas também como produções dos sujeitos que compreendem modos de ver, ser e construir o mundo. É importante afirmar que assim são compreendidos desde quando se pensa em adultos como seres construtores de culturas, ganhando em diferentes perspectivas, formas e modos diversos de se entender e conhecer o que é ou foi produzido. Assim sendo, obtinham *status* diverso: como produto e obra adulta, foram reconhecidos como tal em sua ampla maioria. São artefatos porque no ato de criação que os elabora encontra-se a experiência que, mesmo efêmera, pode marcar profundamente a existência e deixar marcas para que outros observem posteriormente e possam conhecer quem os fez.

Vale observar, no entanto, que, quando discutimos e pretendemos conhecer as crianças, desde que nascem, como construtoras de culturas infantis, além de suas brincadeiras e o modo como se relacionam ao brincar, podem existir outras manifestações culturais que apresentem aspectos do modo de ver e ser criança. Entre eles temos os desenhos, como já mencionado, sendo válidos para investigação e promissores quanto à constituição de modos de compreender a infância. Como artefatos e fontes documentais implicam ampliar diálogos a distintos campos de conhecimento que oferecem oportunidades de construirmos concepções mais amplas e aprofundadas sobre as relações travadas na sociedade e no que as mesmas contribuem com os desenhos realizados pelas crianças. Nesta abordagem encontram-se a perspectiva de relações de gênero, étnica, de classe social como elementos também definidores e reveladores daqueles que desenharam.

A prática do desenho, seja em casa ou em creches e pré-escolas, é considerada uma prática social, portanto, suporte de representações sociais que podemos conhecer. Os desenhos não são considerados como retratos da realidade, mas podem ser observados como representações, individuais ou coletivas, da mesma. Pode-se concluir inicialmente que o desenho é uma representação do mundo, ao mesmo tempo em que se constitui como objeto do mundo da representação, revelando-se, nas relações com o universo adulto. Como instrumento, ele nos permite conhecer melhor aquilo que a criança desenhista é, bem como, à própria criança saber mais

sobre os outros de idades iguais e diferentes que com ela se relacionam, de perto e de longe descobrindo a si mesmas e ao mundo conjuntamente. Com o desenho e observações sobre a experiência de desenhar entre e pelas crianças, temos rica oportunidade não de voltarmos a ser crianças, o que é impossível e desnecessário, mas de provocar a infância em nós a partir daquela presente e ainda não extirpada em meninas e meninos, mesmo os ainda bem pequenos.

Essa perspectiva poderá proporcionar aos pesquisadores, professores de crianças de todas as idades e interessados na infância, que as compreendam melhor e mais profundamente, segundo referenciais teóricos constituídos a partir de observações de diferentes dinâmicas do social. Aquilo que é fugaz – o desenho e seus suportes – e que, como tal, pode se perder rapidamente no tempo, pode ser também duradouro, dependendo da maneira como é guardado, ou mesmo, registrado por seus organizadores ou coletadores. Essas maneiras de nos relacionarmos com estes objetos-desenhos revelam, por sua vez, qual a concepção que se tem daquele que o criou, bem como, da própria criação. Favorece e exige a constituição de outros modos de ver e compreender essa produção infantil, logo uma formação que coadune diferentes áreas e campos teóricos do conhecimento em constante diálogo.

Para tanto, é imprescindível observar, investigar, promover situações em que estejam presentes diversas formas de criar. No que se refere à criação de desenhos, quando nossas preocupações se voltam para uma perspectiva social, na busca pela compreensão do que é produzido como artefato que implica conhecer culturas infantis, muitas perguntas podem ser feitas: de maneira geral, há diferença na escolha dos temas dos desenhos pelos meninos e pelas meninas? Há motivos artísticos mais predominantemente encontrados nos desenhos de um ou de outro? Há elementos que evidenciam cenas de um cotidiano vivido pelos meninos ou pelas meninas? Os riscos modificam-se ao longo do tempo? Ao serem conjugados à fala das crianças desenhistas outros desenhos ou outras formas de compreendê-los são revelados? Como os mesmos podem se oferecer de modo a percebermos narrativas do cotidiano e da imaginação próprias dessas crianças? Há diferenças étnicas perceptíveis? Formas de ocupação do espaço do suporte oferecido para desenhar? Quais as cores mais frequentemente utilizadas para expressar pessoas brancas ou negras? Há o já famoso pedido do “lápiz cor de pele” para pintar pessoas, indiferentemente, como se todos nós tivéssemos a mesma cor de pele, denunciando um padrão de beleza a ser seguido? O que permanece e o que se transformou ao longo do tempo e, ainda melhor, o que permite considerar como transgressão e conservação de uma linha ou motivo desenhado?

Para que todos esses questionamentos não se reduzam a meros orientadores do olhar diante dos desenhos, porém – o que em si é interessante uma vez que não mais olhamos as criações infantis assim – é importante refletirmos sobre as condições enfrentadas para que o ato criador tome forma. Quando se apresenta a preocupação com a experiência e a resistência presentes na elaboração dos desenhos pelas crianças, tanto no processo quanto no produto, preocupação que pode se fazer presente encontra-se em observar e compreender as imposições ou dribles diante de modelos a serem seguidos. Não se trata de desconsiderar contextos sociais, culturais e econômicos de criação, mas trata-se de buscar algumas artimanhas que remetam a experiências.

Para essas imagens se revelarem, também o olho deve entreter-se, divertir-se, deixar-se levar. Detalhes que aparecem, cores que se sobressaem, o todo e as partes que ganham maior ou menor relevância. A imagem artefato cultura/desenho/documento também se completa pela leitura do outro. Isso exige estar junto, não em forma policial a vigiar a criação, mas como companheiro aprendiz do que está sendo criado e de seu criador. Como utopia, a infância que pulsa em nós pode estar viva em suas criações e o ato de desenhar pode ser considerado como uma das maneiras de conhecermos e refletirmos sobre essas resistências. Condição de experiência humana, a infância apresenta seus modos, não apenas de transgressão, como também de existência. Seus desenhos podem ser concebidos como busca por materializar sonhos, investigações, experimentos e experiências.

SEM ACABAR A CONVERSA, NA BUSCA POR SOMAR PROPOSTAS E MODOS DE VER

Para aproximar-se das linhas e traçados criados pelas meninas e meninos desde bem pequenos, é necessário reconhecer a ambiguidade da produção infantil e a necessidade de construir junto à criança o sentido e o significado do que está fazendo. Isto permite evitar o erro pedagógico de não atribuir nenhum significado a tais produções e esperar que a criança tenha aprendido a desenhar. Pode causar também outro erro que consiste em dar significados preconcebidos à produção infantil sem ter a criança como interlocutora e, com isso, desconsiderá-la ou atribuir valores que não correspondem às suas intenções. O desenho e suas produções são, como dizia Umberto Eco, uma obra aberta, sem esquecer que isso pode ser pensado sobre os desenhos criados na infância de crianças com pouca idade e infância como condição de experiência entre adultos e adultas.

Olhar com vagar, passeando pelas linhas, procurando traços peculiares em seus desenhos, também é algo novo, já que desestabiliza práticas profissionais que têm se limitado a recolher as criações apenas para pendurá-las em paredes que expressam certa neutralidade, ilustrando ou por vezes infantilizando espaços, sem dialogar com o entorno e, pior ainda, para colocá-las em pastas ou saquinhos plásticos quantificando a produção, dentro dos quais as vozes e modos de ver de seus criadores ficam mais calados ainda. Suas expressões apagadas. Sua linguagem, reduzida. E, com isso, vale a pergunta: resiste-se? Sim, em formas variadas, tão simples para se ver, quando se perscrutam traçados, quando se olha em tempos vagarosos, em que a rapidez não toma o espaço da curiosidade fazendo-se valer em padrões e normas, supondo a não subversão à padronização.

Quanto a isso a formação das profissionais que atuam com esses meninos e meninas deverá estar atenta, considerando diferentes aspectos presentes naquilo que é criado. Observar o número infinito de sinais e formas que resultam do longo processo de descobertas. Entrar no ritmo e no tempo necessários para viver e conhecer *com* as crianças os seus tempos de descobertas e experimentações implica reconhecer também aquilo que se apresenta como resistência. Esse olhar e prática remetem a pensar e, por que não, engajar-se na percepção de que cada uma das crianças tem direito a expressar, de maneira pessoal e coletiva, as próprias sensações, as tensões vividas a partir da utilização de outras linguagens, de expressar seus gestos, seus gostos, inventando mundos usando suas lógicas próprias.

Considero, porém, que colocar-se no ponto de vista da criança, conhecer suas lógicas, é um desafio que, para vingar, precisa evocar o desejo e a disponibilidade de descentrar-se, de refazer-se criança, sem considerar atos infantilizados, pensando-os como próprios da infância, esquecendo-se de que, desde bem pequenos e pequenas, elas estão construindo um gosto pessoal, criando alternativas às imposições, demonstrando formas de ver e estar no mundo, por vezes, desconhecidas ou desconsideradas.

Rigor e leveza são necessários para que estejam cotidianamente em nossas vidas. Entre tantas, nossa proposta é a construção de olhares e de práticas em que o estar junto possa ser acontecimento inventivo e que possibilitem que se ampliem as formas compreensivas sobre o processo criador de tantas e diferentes crianças. Considerando uma multiplicidade de formas, de cores, de sentimentos, que resultam em atos criadores em que se interroga aquilo que é habitual e se resista à inclusão excludente, resistindo a formas caducas de se estar no mundo, findo este

texto, como ensaio que propõe a pensar sobre resistências e experiências da e na infância e estas presentes em algumas de suas expressões, com mais um excerto de outro conto de Mario de Andrade:

[...] o homem, nas alturas sábias dos quarenta anos, vai e pratica um ato de menino de grupo. [...] mas por outro lado, a realização espontânea duma faculdade infantil num homenzarrão meditando que já enterrou a infância num cemitério repudiado, mostra que o indivíduo, por maior técnica que possua, guarda pra sua riqueza a inexperiência do aprendiz. (ANDRADE, 1963, p.126).

Não se trata de uma infância forçosamente enterrada, mas de buscar incessantemente tocar a campainha e sair correndo na riqueza sábia da infância que resiste ao adulto meditando e se apresenta pegando balão, desenhando, criando.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.
- ANDRADE, M. Cai, cai, balão. In: ANDRADE, M. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Martins Fontes, 1963.
- _____. Tempo da Camisolinha. In: ANDRADE, M. *Contos Novos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BERGER, J. *Bolsões de resistência*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

Recebido em 20 de maio de 2013 e aprovado em 15 de julho de 2013.